

NISE DA SILVEIRA E A “REPÚBLICA DO CURVELO”
INTELECTUAIS COMUNISTAS DO CONE SUL SOB A MIRA DO TSN
NISE DA SILVEIRA AND THE “REPUBLIC OF CURVELO”
INTELLECTUALS IN THE SOUTHERN CONE UNDER TSN TARGET

CAROLINA FERNANDES CALIXTO | Doutora, mestre e licenciada em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

RESUMO

O presente artigo busca tecer uma breve avaliação sobre a história do Tribunal de Segurança Nacional (1936-1945) e do fundo arquivístico homônimo, evidenciando seu possível aproveitamento em pesquisas acadêmicas tal como a realizada sobre a apelação da psiquiatra Nise da Silveira, em que se diagnosticou a existência de uma “República do Curvelo” sobre a qual incidiu a ação do TSN.

Palavras-chave: Tribunal de Segurança Nacional; Nise da Silveira; intelectuais; comunistas.

ABSTRACT

This article seeks to provide a brief evaluation of history of the Tribunal de Segurança Nacional (1936-1945) and the namesake archival fund, evidencing its possible use in academic research as the enterprise is carried out in the analysis of the appeal of the psychiatrist Nise da Silveira where we diagnosed the existence of an “Republic of Curvelo” on which incurred the action of the TSN.

Keywords: Tribunal de Segurança Nacional; Nise da Silveira; intellectuals; communists.

RESUMEN

El presente artículo busca tejer una breve evaluación sobre la historia del Tribunal de Segurança Nacional (1936-1945) y del fondo archivístico homónimo, evidenciando su posible aprovechamiento en investigaciones académicas tal como la realizada sobre la apelación de la psiquiatra Nise da Silveira donde se diagnosticó la existencia de una “República del Curvelo” sobre la cual se centró la acción del TSN.

Palabras clave: Tribunal de Segurança Nacional; Nise da Silveira; intelectuales; comunistas.

INTRODUÇÃO

O Tribunal de Segurança Nacional (TSN) foi um órgão de exceção criado em 1936 com a finalidade de julgar os crimes contra a existência, a segurança e a integridade do Estado. A instauração dessa corte ocorreu à revelia da Constituição de 1935, que proibia a criação de tribunais de exceção. Além disso, a existência do TSN, tal como ficou conhecido, perdurou por nove anos, ao longo dos quais teve seu campo de ação alargado após diversas manobras políticas que atrelaram a ele a competência de julgar os crimes ligados à economia popular.

A intensa atuação desse tribunal resultou em números impressionantes: um total aproximado de 100.040 processos, que se encontram alocados em 309 caixas sob a custódia do Arquivo Nacional, no Rio de Janeiro. No presente artigo, buscamos refletir sobre a história do TSN, situando a sua trajetória dentro do contexto histórico brasileiro marcado por uma intensa centralização do Estado e forte repressão política. Nesse sentido, pretendemos analisar como o órgão e seus processos têm aparecido nos estudos acadêmicos, com o intuito de apontar os caminhos de investigação já trilhados e também indicar possibilidades de pesquisa.

Desse modo, fizemos um breve levantamento sobre o acervo do TSN, destacando a história do fundo, o modo como se encontra organizado e as possibilidades de acesso e pesquisa. Em seguida, desenvolvemos uma análise em torno da documentação arrolada na apelação da famosa médica e psiquiatra brasileira Nise da Silveira, onde avaliamos a dimensão político-intelectual de uma rede de sociabilidade autodenominada “República do Curvelo”.

O TSN NA HISTORIOGRAFIA

De acordo com a literatura especializada, a criação do tribunal está relacionada ao processo de centralização do poder e à escalada do regime autoritário que se iniciou após a Revolução de 1930 e culminou em 1937 com o Estado Novo.

Naquele contexto, vivia-se uma crescente agitação política favorecida pelas divergências entre os grupos que haviam apoiado a chegada de Vargas ao poder e o aumento da polarização política entre comunistas e integralistas, além do reaparecimento das questões sociais ao lado do crescimento urbano e industrial. Ao mesmo tempo em que surgiam novas cisões no interior das Forças Armadas, também ocorriam tentativas de reação por parte das oligarquias aliadas do poder. Tal panorama político e social favoreceria o enrijecimento no tratamento dos crimes contra a ordem e a segurança social, englobados na nova concepção de Estado que se projetava.

Em 1934, a nova Constituição restringiu o raio de ação do governo, levando Vargas a articular, ainda nos últimos dias desse ano, a elaboração de uma lei que lhe permitisse atuar mais firmemente contra seus opositores. A então chamada Lei de Segurança Nacional (LSN), aprovada em abril de 1935, definiu os crimes contra a ordem política e social (Mourelle, 2015, p. 92).

Nesse último ano se formou e teve um rápido crescimento a Aliança Nacional Libertadora (NL), organização que reunia tenentistas, socialistas, comunistas e outras correntes

descontentes com a hipertrofia do Executivo e com o crescimento do integralismo. Em novembro, os levantes ocorridos nas Forças Armadas, em Natal, Recife e Rio de Janeiro, e que ficaram conhecidos como Intentona Comunista, serviram para justificar o aumento da ação repressiva contra todos aqueles que possuíssem vínculos reais ou presumidos com o Partido Comunista do Brasil e o comunismo internacional.

A reação do governo se fez presente através da criação do Tribunal de Segurança Nacional que reforçava a Lei de Segurança Nacional, constituindo braço jurídico do aparato repressor que o governo vinha instituindo. Pela literatura acadêmica, o TSN aparece, portanto, como resposta à Intentona Comunista. Isso se torna perceptível pelo fato de aquele órgão ter centralizado todos os processos sobre a revolta e conter quase todos os documentos para a pesquisa do tema.

Nesse aspecto, o acervo do TSN tem singular importância por reunir fontes que ajudam a lançar luz tanto sobre o Levante de 1935, como também sobre a história do PCB, antigo Partido Comunista do Brasil que se tornou o Partido Comunista Brasileiro sob a mesma legenda, e sobre o comunismo em geral.

Dentre os estudiosos que produziram trabalhos de grande relevo acadêmico a partir da documentação do TSN, encontra-se a historiadora Marly Vianna. Ao dedicar anos de pesquisas para sua tese de doutoramento, *Revolucionários de 35*, Vianna (1992) se debruçou sobre cerca de 450 processos do acervo do tribunal. Além de sua tese, a autora também organizou o livro *Pão, terra e Liberdade* (Vianna, 1995), para os quais selecionou 133 documentos que ajudam a contar a história da Intentona.

Os trabalhos de Marly Vianna demonstraram que os levantes de 1935 sempre foram citados nos livros de história do Brasil, mas até meados dos anos de 1980 (especialmente até os cinquenta anos da Intentona) inexistia trabalho específico sobre o assunto.

Ainda assim, ela ressaltou que, apesar da bibliografia ter aumentado após aquela data, pouca coisa mudou em relação à interpretação daquele evento histórico, pois a literatura oficial permaneceu calcada nos documentos produzidos pela repressão. Desse modo, a versão que continuou a prevalecer era a de que as insurreições teriam ocorrido por ordem do movimento comunista internacional, em uma tentativa de desqualificar, em certo sentido, aquele evento histórico a fim de mascarar fatores internos de opressão e descontentamento que justificavam o levante.

Em suas pesquisas, Marly Vianna analisou e confrontou uma vasta bibliografia sobre a Intentona, incluindo estudos de historiadores, jornalistas, livros de memórias, documentos oficiais do PCB e os processos do TSN. Assim como Werneck Sodré, a pesquisadora defendeu o caráter nacional do movimento e chamou a atenção para o fato de que a ANL não foi criada pelo PCB.

Se é consenso que o tribunal teve como principal enfoque a repressão ao movimento comunista ao longo de toda a sua duração, a tese de doutorado em história de David Rodrigues Silva Neves (2013), *O Tribunal de Segurança Nacional e a repressão aos comunistas e integralistas (1936-1938)*, ressaltou outros personagens que foram processados através do TSN.

Aquela corte de exceção havia sido criada para ser usada em momentos em que o estado de guerra fosse decretado ou até que terminasse qualquer processo oriundo dos crimes de sua competência. Apesar disso, teve seu campo de atuação alargado após diversas manobras políticas que atrelaram a ele a competência de julgar os crimes ligados à economia popular. Assim, o tribunal teve condições de se estender por um período indeterminável, além de ter ganhado maior legitimidade política e ideológica em um momento em que o Estado Novo se consolidava (Neves, 2013, p. 73).

A instauração do Estado Novo em 1937, o levante integralista em 1938 e o desenrolar da Segunda Guerra Mundial reforçaram a tendência à criminalização de toda e qualquer dissidência política em relação ao governo. Neves aponta que, durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), alemães, japoneses, italianos, suspeitos de espionagem, sabotagem ou mesmo de serem contra as leis nacionalistas ou ligadas à economia popular, eram denunciados e tinham que responder perante o TSN (Neves, 2013, p. 73).

Além dos comunistas, os integralistas e os “estrangeiros nocivos”, considerados difusores de ideias nazifascistas, especialmente aqueles oriundos de países do Eixo, como alemães, italianos e japoneses, tornavam-se, portanto, alvos das ações repressivas. Assim, coube ao TSN a repressão judicial a todos esses personagens que representavam uma ameaça à segurança nacional, de acordo com a lei instituída em 1935.

HISTÓRICO E ARRANJO DO FUNDO

Após a extinção do tribunal em 1945, seu acervo documental passou a ser recolhido ao Fundo TSN, sob a guarda do Arquivo Nacional. Alguns processos que estavam sob a responsabilidade de outros órgãos do Executivo e do Judiciário, tais como o Supremo Tribunal Militar (STM), o Tribunal de Justiça, a Promotoria Pública do Rio Grande do Sul, a Procuradoria Geral do Estado de São Paulo e o Ministério da Guerra, foram encaminhados ao Arquivo Nacional, para a sua incorporação ao referido acervo, entre os anos de 1945 e 1966. Mesmo assim, 1.800 processos ainda se encontram dispersos em diversas instituições dos poderes Executivo e Judiciário de todo o Brasil.¹

Os processos iniciados no TSN, quando ainda em atividade, foram remetidos ao STM para julgamento em instância superior, permanecendo nessa entidade, ou, ainda na última instância, foram enviados ao Supremo Tribunal Federal (STF). A relação desses processos enviados pelo próprio TSN, bem como o local onde provavelmente estão atualmente, podem ser encontrados na base de dados do acervo do Judiciário, no Arquivo Nacional, disponíveis inclusive pela internet, através do site dessa instituição.

¹ As informações sobre o histórico e o arranjo do fundo foram gentilmente cedidas pela supervisora da Equipe de Documentos Judiciais e Extrajudiciais (Codes-Judiciário), Luzidéia Gomes de Azevedo, e pelo supervisor da Equipe de Pesquisa para Difusão do Acervo, Thiago Cavaliere Mourelle, do Arquivo Nacional.

Fazem parte desse acervo os processos-crimes, as queixas-crimes, as revisões criminais, os *habeas corpus*, as apelações, os registros de correspondências, os livros de registros, os acórdãos, as atas das sessões e de sentenças, produzidos, tramitados e julgados durante o período de atividade do tribunal.

Somente entre 1996 e 2008, no entanto, se iniciou a primeira grande fase de organização do fundo. Ao longo de cinco etapas se desenvolveu um trabalho de organização física e lógica, controle e conferência de processos, descrição em planilha dos vários tipos de fichas existentes no acervo (fichas onomásticas, numéricas, ordenadas pelo número de processo-crime e apelação, geográfica e fichas de trâmite), microfilmagem e inserção das informações descritas no Sistema de Informações do Arquivo Nacional (Sian) e disponibilizadas inicialmente na Sala de Consultas do Arquivo Nacional.

Em abril de 2008, participei da retomada das atividades de preparo para microfilmagem dos originais e, posteriormente, para a digitalização, o que foi viabilizado com o financiamento do Programa de Apoio ao Desenvolvimento de Arquivos Ibero-americanos (Programa Adai). O trabalho compreendeu a numeração folha a folha dos processos, de acordo com as normas de microfilmagem de documentos, a conferência e correção das minutas de termos de descostura e recostura, a verificação, etiquetagem, condicionamento definitivo dos processos microfilmados e o novo remanejamento do acervo. Naquela ocasião, também se efetivou a microfilmagem de toda a série Apelações, em um total de 2.600 processos, e a realização da quinta etapa com a inserção na base de dados do Judiciário das fichas de trâmite de cada processo do TSN, a fim de agilizar a consulta ao acervo. Tais fichas foram posteriormente digitalizadas e devidamente acondicionadas, podendo também ser consultadas em caso de dúvida na informação que se encontra na base de dados. Futuramente, as terceira e quarta etapas serão retomadas para que sejam microfilmadas e digitalizadas as séries Processo Criminal, *Habeas Corpus* e Revisão.

Quase uma década se passou após o fim desse grande esforço de organização do acervo e ainda assim a sua procura pelos pesquisadores tem sido pouca, se pesarmos a importância daquela documentação para estudos de diferentes áreas e temas.

A APELAÇÃO DE NISE DA SILVEIRA

Dentre as muitas formas de aproveitamento do material disponível no acervo do TSN, destacamos a abundância de fontes sobre o estudo dos intelectuais. Isso porque, nos processos e apelações, encontramos cartas, fotos, recortes de jornais, textos literários, folhetos de organizações partidárias, impressos de propaganda proletária e muitos outros documentos que dão pistas do papel desenvolvido por esses personagens no período dos anos de 1930.

O inquérito relativo à médica psiquiatra Nise Magalhães da Silveira é repleto dessa documentação. Famosa por humanizar o método terapêutico na reabilitação psiquiátrica, através da adoção de atividades expressivas, como as artes plásticas, e por fundar o Museu da Imagem do Inconsciente, Nise da Silveira também teve sua trajetória marcada pelo vínculo com o comunismo, o que a levou a ser presa em 1936 após condenação pelo TSN (Palamartchuk,

2012). A documentação anexada ao seu processo é reveladora das redes de sociabilidade em que estava inserida, da circulação das ideias comunistas dentro e fora de organizações partidárias, da perseguição aos comunistas, de movimentos feministas, dentre outros temas no contexto dos anos de 1930.

Considerando a existência de um *campo intelectual* (Bourdieu, 1968) por intermédio do qual os intelectuais atuam na sociedade e que as redes de sociabilidade em que se inserem conferem estrutura a esse campo, buscaremos analisar, nos limites deste artigo, a relação de Nise com outros intelectuais, especialmente a partir da correspondência que foi apreendida pela polícia e apresentada como prova de suas ações extremistas.

Com base nos estudos de Ângela Meirelles de Oliveira (2013) sobre a imprensa e os intelectuais fascistas no Cone Sul entre os anos de 1933 e 1939, procuramos investigar algumas das redes de sociabilidade intelectual na qual a médica se inseria em seu vínculo com movimentos comunistas, antifascistas e antiguerra em países da América do Sul.

Por esse motivo, enfocamos neste estudo as epístolas que foram remetidas pelo poeta argentino Raúl González Tuñón e pelo escritor, político e diplomata boliviano Gustavo Navarro (mais conhecido pelo pseudônimo Tristan Marof), reveladoras da interlocução e atuação transnacional de um grupo de intelectuais comunistas autointitulados “República do Curvelo”, que tinha Nise da Silveira como importante articuladora.

A origem do nome que conferiu identidade ao grupo remonta à antiga rua do Curvelo, hoje Dias de Barros, no bairro de Santa Teresa, no Rio de Janeiro. Das muitas redes de sociabilidade que se formaram, e se interconectavam,² a partir daquele espaço, a “República do Curvelo” parece ter derivado de redes de solidariedade entre intelectuais, especialmente nordestinos e comunistas, que moravam no Rio.

No Curvelo residiam os poetas Manuel Bandeira, pernambucano, e Ribeiro Couto, paulista; o dirigente pecebista alagoano Otávio Brandão e sua esposa, Laura, quando a também alagoana Nise chegou ao Rio de Janeiro em 1927 e passou a residir no número 56 daquela rua (Kummer, 2004). Recém-formada em medicina pela Universidade Federal da Bahia, a médica se mudou, após a perda do pai, para o Rio de Janeiro com o também médico Mário Magalhães, seu colega de turma, além de primo e marido.

De acordo com algumas narrativas biográficas, aquele círculo de amizades, especialmente com o casal Brandão, foi decisivo para a aproximação de Nise e Mário, recém-chegados, a outros intelectuais comunistas, tal como a romancista Raquel de Queiroz (Bezerra, 1995, p. 135-142; Gullar, 1996, p. 40-41).

A partir do interesse despertado pelas conversas e leituras marxistas de seus amigos do Curvelo, Nise estreitou seu contato com o comunismo e a teoria marxista em uma conferência realizada por Castro Rebelo, catedrático de economia política da Faculdade de Direito, de quem também se tornaria amiga. Pouco depois, passou a frequentar algumas reuniões

2 Em *A trinca do Curvelo*, por exemplo, Elvia Bezerra (1995) conta um pouco da vida intelectual do Rio de Janeiro e do país a partir das trajetórias de Nise da Silveira, Manuel Bandeira e Ribeiro Couto.

do PCB com a amiga Lya Cavalcanti e acabou assinando a ficha de filiação no ano de 1931 (Bezerra, 1995, p. 143).

Ao mesmo tempo em que participava das reuniões do partido, Nise frequentava a clínica de neurologia coordenada pelo médico pernambucano Antônio Austregésilo e atuava junto ao Clube dos Artistas Modernos e à União Feminina do Brasil, dentre outras organizações. Sua circulação entre várias redes de interlocução social, intercambiando muitas vezes suas relações profissionais e políticas, lhe proporcionaram status destacado dentro daquele campo político-intelectual que se formou no Rio de Janeiro e que extrapolou fronteiras geográficas.

Ainda no início dos anos de 1930, Nise e Mário Magalhães conheceram intelectuais latino-americanos que desempenhariam forte militância comunista na América do Sul. Vindos ao Brasil para se ambientarem sobre a “nova e curiosa experiência” (Salas, 1975, p. 88) inaugurada com a Revolução de 1930, e, mais tarde, por motivo de exílio, os argentinos e irmãos Raúl e Enrique Tuñón, a esposa deste, Maria Luisa Cameli, e o boliviano Tristan Marof foram acolhidos na residência do casal Magalhães por mais de uma vez naquela década (Baciu, 1987, p. 77). A vinda daqueles escritores foi decisiva para o estabelecimento de contatos entre eles e os militantes brasileiros (Oliveira, 2013, p. 156). A partir da amizade construída na convivência entre eles na rua do Curvelo e da afinidade partilhada com os ideais comunistas, fundaram uma pátria imaginária sob a liderança de Tristan, tal como registrou Raúl Tuñón no seguinte texto poético sobre o amigo boliviano e o grupo formado em Santa Teresa:

Recuerdo que tú eres flaco y largo, profundamente bueno, una bondad no del todo tranquila, una bondad con ángulos y aristas, una bondad a veces tremendamente áspera, a veces agresiva. Y corrían los meses del aquel cálido invierno brasileño en la dulce provincia del Morro, allá en Curvello. Bravo y viejo soldado, sin fusil, sin tambor, sin cantimplora, sin bigotes, eras nuestro sargento. Nos llevabas a través de la “selva de Silvestre” recogiendo en tu pipa marinera o de “viejo soldado”, la emanación de una naturaleza prodigiosa. Eras nuestro sargento; sabías todo y de todo, nos relatas las cosas sucedidas y próximos sucesos, nos veías crecer a tu sombra cordial, discutías con nosotros reclutas de la última jornada, nos hablabas de Lenin y de Heine, entre “cachazas” con biter y entre verdes vinos de Portugal. Tú eras el instructor de la vieja guardia que entregábamos: Nise, María, Raquel, Enrique, Adelmo y yo, y poetas, y médicos revolucionarios y pintores de la dulce “República”, en el Morro. ¡Oh Curvello! Viejo soldado, arrojado de todos los países, perseguido de todos los climas, siempre sobreviviente, de la pobreza heroica y de la incomprensión, de la injusticia, de la cárcel, del hambre y de la escarcha [...] (Tuñón apud Baciu, 1987, p. 35 e 36).

Além do próprio Raúl Tuñón e de Tristan Marof, o texto acima faz alusão a Nise da Silveira, Maria Luísa Cameli, Raquel de Queiroz, Enrique Tuñón e ao médico Adelmo Mendonça como participantes daquele grupo. Outros, no entanto, são citados por Tristan Marof em entrevista na qual também nomeou aquele círculo de amizades como “República do Curvelo”:

Fundamos una república imaginaria, como la de Platón, en Curvelo (nota del autor: barrio en Río de Janeiro, al pie de la montaña del Corcovado), Manuel Bandeira fue elegido presidente y yo vice-presidente. Los demás ciudadanos eran poetas, pintores y gente de letras. Entre ellos, Jorge de Lima, Raquel de Queiroz, que ahora escribe en "O Cruzeiro", María Lacerda de Moura, que ha muerto, Mario Magalhaes de Silveira, excelente médico y generoso, su esposa, Nise, una de las mujeres más inteligentes que he conocido en el Brasil, junto con una cantidad de hombres elegidos. Me acuerdo de Mangabeira que nos invitaba a tomar vino francés de su padre senador, y para que escuchásemos sus producciones (Marof, 1997, p. 4).

Nesse relato, aparecem citados ainda Mário Magalhães, o poeta modernista Jorge de Lima, a escritora feminista e anarquista Maria Lacerda de Moura e o médico Francisco Mangabeira. Tanto Raúl como Tristan sugerem, entretanto, que outros cidadãos habitavam aquela pátria imaginária, todos poetas, pintores e gente de letras.

Isso também ficou sugerido no documento n. 1 do inquérito de Nise da Silveira junto ao TSN, onde o chefe da Seção de Ordem Social e Segurança Pública, Manuel Lopes Vieira, apresentou os fatos mais importantes referentes ao serviço de observação feito por ele, durante o período de 28 de novembro a 21 de dezembro de 1935, na rua Dias de Barros (estação do Curvelo), designada como residência particular de Nise, Mário e Enrique Tuñón.

Em seu relatório, Nise informou que a casa era frequentada por muitas pessoas, tais como Otaviano Du Pin Galvão e sr. Caracy, que já haviam sido presos naquela seção como agitadores, e Adão Mendonça, que verificamos se tratar de Adelmo Mendonça. Além dos encontros na casa dos Magalhães, foi relatado pelo investigador que o grupo se reunia também na editora Alba (responsável por publicações consideradas "subversivas" pela polícia), em cafés e, eventualmente, em outras residências, como a de Castro Rebelo. Também se destacam os nomes de Raul Bope, em verdade Raul Bopp, o poeta modernista, e do interventor do Maranhão, senhor Reis Perdigão (Arquivo Nacional, Relatório do Serviço de Observação, folha 500).

Se a "República do Curvelo" não passava de uma brincadeira entre amigos que se reconheciam como grupo, pudemos observar na correspondência anexada ao processo de Nise que alguns de seus membros buscaram efetivamente usar aquela rede de sociabilidade na sua militância comunista e antifascista. De maneira dialética, aquele círculo de amizades contribuiu para que alguns dos envolvidos tivessem uma maior adesão ao comunismo e a movimentos antifascistas em países do Cone Sul.

Nesse aspecto, foi notória a liderança de Tristan, apesar de ele apontar Manuel Bandeira como presidente daquela "república" (Marof, 1997, p. 4). Muitas cartas arroladas ao processo de Nise envolvem o intelectual boliviano, tantos as que foram por ele remetidas quanto aquelas em que ele é citado como uma espécie de guia.

Gustavo Adolfo Navarro, mais conhecido pelo pseudônimo Tristan Marof, talvez tenha sido a figura de maior destaque da emergente intelectualidade socialista boliviana da segunda metade do século XX. Aprofundou seu ideal americanista nas viagens ao Chile e à

Argentina, e o conhecimento em torno do marxismo em sua residência diplomática na Europa entre os anos de 1921 e 1926. Após retornar para sua terra natal, defendeu um projeto socialista radical, fundando em 1927, junto com Roberto Hinojosa, o primeiro partido socialista da Bolívia, o Partido Socialista Máximo. Em razão dessa militância, sofreu prisão e exílio. Refugiou-se em Cuba, México, Estados Unidos, Brasil, Argentina e Uruguai, e nesses países estabeleceu redes de sociabilidade que “transcenderam as fronteiras nacionais pelos intercâmbios epistolares e de publicações, mas também pelos encontros dentro e fora do país com estrangeiros de ideias anti-imperialistas ou socialistas” (Melgar Bao, 2012).

Na Argentina, conheceu os irmãos Enrique e Raúl Tuñón Gonzalez e fundou o grupo revolucionário Túpac Amaru no início dos anos de 1930, na mesma época em que ocorria a guerra do Chaco. Unindo bolivianos comunistas que se encontravam no exílio, o Túpac Amaru pregava a revolução proletária e anti-imperialista (Melgar Bao, 2012). Esse grupo acabou se fundindo com outras frentes da esquerda boliviana, formando o Partido Obrero Revolucionário em 1935.

Muitos desses eventos políticos e dos movimentos das esquerdas em países do Cone Sul aparecem nas correspondências remetidas por Tristan Marof, Raúl Tuñón e Maria Luísa, que foram anexadas aos autos do processo de Nise da Silveira. Além do cunho informativo, e em certo sentido jornalístico, pudemos observar nessas epístolas como alguns membros da “República do Curvelo” foram acionados em uma rede de solidariedade anti-imperialista, antifascista, comunista e revolucionária de caráter transnacional.

Na análise da documentação arrolada ao inquérito de Nise, encontramos evidências de que a médica exercia um importante papel nessa rede, tal como sugere, por exemplo, a seguinte missiva de Tristan Marof, enviada de Córdoba (Argentina) e datada de 17 de abril de 1934:

[...]. Continuo com a vida de sempre, com esperança nos meus negócios, parecendo-me um século cada instante que passa. Nós devíamos estar lá no altiplano, mas sempre tivemos que lutar com as piores circunstâncias econômicas. Viajando de um lado para o outro, perseguido, sem poder coordenar vontades, o que tenho feito tem sido superior às minhas forças. Se tivesse podido contar com alguma coisa, mesmo que fosse muito pouca, já teria tido algum êxito. Não obstante, não desespero, e cada dificuldade cria em mim maior entusiasmo e energia.

No meu país a situação está madura. Só falta uma possibilidade para que possamos chegar a um resultado. Se pudesse movimentar-me com menos inconvenientes e contar com alguns recursos, poderia fazer muito.

A insurreição dos cadetes foi muito mais séria do que disseram nas notícias telegráficas. Tomaram a polícia e combateram muitas horas, mas como não coordenaram a sua ação, foram derrotados.

No interior do país houve lutas isoladas. O povo quer a paz e ele se dá conta da luta sórdida do imperialismo. Os soldados não estão satisfeitos e somente por uma terrível

disciplina, fuzilamentos e mentiras, obrigam-nos a sustentar uma guerra que repudiam.

O P. como sempre não fez nada de apreciável, que eu saiba. Contenta-se em criticar os fatos consumados e não presta auxílio de nenhum modo. Há muito tempo que não me vinculei e não desejo juntar-me a ele. Nós trabalhávamos por nossa própria conta e desejamos alguma coisa melhor, de acordo com as circunstâncias.

A última esperança da Bolívia neste momento é indispor o Brasil com a Argentina para ver que proveito pode tirar disso.

As derrotas dos militares bolivianos não se devem a outra coisa senão ao povo mesmo, que não se quis bater ou que se bateu mal. No Paraguai, mais atrasado e primitivo, não se deu tal coisa. Estas notícias vocês devem comentá-las se for possível pela imprensa. Se conseguirmos qualquer coisa apreciável, nossos amigos virão ao altiplano. Ali necessitamos de gente eficaz e leal. Mário, Adelmo e os outros, que se preparem. Tu poderás ser um grande auxílio para nós.

Precisava que me escrevesse mais frequentemente. Agora moro na casa do dr. Bermann, eminente médico neurólogo. Ele deseja relacionar-se com os médicos brasileiros e tu deve ser o ponto de contato. Providencia para que ele lhe envie seus trabalhos. Ele por sua vez enviará os seus. Talvez isto interesse ao Austregésilo. Conviria fazer propaganda de seus livros. Escreve ao dr. Gregório Bermann dizendo que desejas ter amizade com ele e que se interessa pelos seus trabalhos. Ele tem aqui uma grande clínica com todos os elementos modernos. Além disso, é homem da esquerda e um excelente amigo. Não te esqueças de fazer com que os médicos escrevam a ele e sobretudo que lhe mandem livros e revistas. [...] (Marof, 1997).

A missiva acima chama a atenção, dentre muitos aspectos, pelas orientações que são dadas por Tristan a Nise no contexto da guerra do Chaco.³ Além de buscar informar sobre a situação do conflito, mais especificamente sobre a insurreição dos cadetes bolivianos em abril daquele ano, ele pede que a médica busque divulgar aquela notícia na imprensa. Apon-ta que a presença de Nise no altiplano poderá ser importante, assim como a de outros intelectuais brasileiros, mas não esclarece de que modo. A frequência com que Nise escreveria ao boliviano sugere a necessidade de Tristan em manter ativo aquele canal de informação pelo qual forneceria orientações estratégicas.

É importante destacar que, em torno daquele conflito, surgiram movimentos antiguer-ra, tal como o caso dos grupos Túpac Amaru, liderado por Tristan, em Córdoba, e Izquierda

3 A guerra do Chaco foi um conflito armado entre a Bolívia e o Paraguai que se estendeu de 1932 a 1935 e se originou pela disputa territorial da região do Chaco boreal, tendo como uma das causas a descoberta de petróleo no altiplano andino. O resultado foi a morte de milhares de bolivianos e paraguaios e a derrota dos bolivianos, com a anexação de parte de seu território pelos paraguaios.

Boliviana, de Aguirre Gainsborg, no Chile. A modesta atuação desses grupos se ampliou, no entanto, quando a Internacional Comunista (IC) tornou a luta contra a guerra do Chaco uma atividade central, por considerar aquele conflito como um aviso do que o terceiro período do capitalismo mundial traria ao continente e ao mundo inteiro em termos de sangria bélica (Stefanoni, 2014).

Se a tese mais difundida pela Terceira Internacional Comunista era que a guerra do Chaco se tratava de um enfrentamento “interimperialista”, a IC se colocou em alerta, advertindo os trabalhadores de ambos os países de que aquele conflito não era seu. Mais tarde, porém, alguns êxitos de movimentos contrários à guerra, como um motim naval no Chile, sublevações parciais no Peru, frequentes casos de indisciplina coletiva nos exércitos de Bolívia e Paraguai e a agitação revolucionária entre os índios bolivianos, foram vistos como demonstrações concretas das amplas possibilidades para uma luta efetiva de massas contra a guerra.

Frente à alternativa da deserção individual, os comunistas propuseram, sem êxito, penetrar o Exército, insubordinar a tropa e buscar a confraternização paraguaio-boliviana. Para o historiador Pablo Stefanoni, não é difícil observar naquela estratégia a vontade de repetir o esquema da Revolução Russa, quando os bolcheviques armaram comitês de soldados vermelhos com posições de derrotismo revolucionário durante a Primeira Guerra Mundial, para transformá-la em revolução (Stefanoni, 2014).

No que se refere às articulações intelectuais dos membros da “República do Curvelo”, Nise parecia ser importante especialmente como “ponto de contato” com os intelectuais brasileiros, e particularmente com aqueles de seu círculo de atuação profissional. Nesse sentido, vale destacar que a psiquiatra aliava a militância profissional à militância política, tendo participado da Ala Médica Reivindicadora da ANL.

Além de aparecer como preceptora de profissionais da área médica que buscavam se relacionar no campo comunista, as correspondências com outros médicos tais como Heyder Correia Lima, e muitos outros documentos anexados ao inquérito de Nise sugerem que a psiquiatra buscava transmitir reflexões de cunho marxista em seu círculo de atuação profissional. Entre anotações, cartas e notas de próprio punho, destacamos um rascunho de Nise intitulado “Filosofia e realidade social” (Arquivo Nacional, Filosofia e realidade social, folha 138). Em seu depoimento à polícia, ela afirmou que aquele conjunto de papéis se referia a notas feitas por ela para um estudo (Arquivo Nacional, Termo de declarações que presta Nise Magalhães da Silveira na Delegacia Especial de Segurança Política e Social, 1936, folha 493).

No início do texto, encontramos mais esclarecimentos sobre aquelas páginas: “Longe de mim fazer uma conferência erudita e solene. Trago apenas aqui um esquema, um plano de trabalho para estudo ulterior da história da filosofia moderna”. Lançando mão de explicações de cunho marxista, ela chega a citar Marx como “o genial descobridor do método de interpretação econômica da história”. Apesar de não sabermos onde ocorreria ou teria ocorrido aquela conferência, a temática da palestra e a forma como foi ou seria abordada nos levam a crer que a psiquiatra buscava efetivamente divulgar as ideias marxistas em seu ramo de atuação profissional.

Nise também contribuiu para a disseminação de ideias marxistas entre os membros da "República do Curvelo", tal como deixa entrever o relato de Raúl Tuñón em uma de suas cartas:

Buenos Aires. Minha querida Nise. Enfim! Sua carta deu-me grande alegria. Escrevo a Henrique e a Tristan. Estive com o velho soldado há pouco em Córdoba. Lembramos de você com grande carinho. É possível que haja muito em breve qualquer coisa na Bolívia [...]. Temos projetos de convidar você, Mário e Adelmo para ir com outro grupo de camaradas d'aquí, ajudar o Marof e os seus n'essa possível "experiência". Virão vocês? Minha vida, graças aos seus conselhos e aos livros que me indicaram e que li, estou convertido em um revolucionário, sem pequenos desvios burgueses, como antes [...]. Dirigi uma revista e a polícia fechou-a no quinto número – uma revista incrível como o Editorial Universo – por causa de um poema. Iniciou-se um processo contra mim por "incitamento" à "rebelião". Estive preso por 6 dias, aprendi a odiar [...] com senso de classe. Marof disse que estou mais responsável [...] tenho um desejo louco de estar com vocês e Curvelo. Sinto muita falta e agradeço todo o bem que me fizeram. Abraço aos camaradas e para você, Nise, todo o carinho do Raúl (Arquivo Nacional, carta de Raúl Tuñón, 1934).

Em sua fala, o escritor argentino deixa entrever que a influência de Nise e dos amigos membros da fantasiosa "República do Curvelo" foi determinante na sua formação enquanto revolucionário "sem desvios pequeno-burgueses" e, em certo sentido, por "aprender a odiar com senso de classe". A maior adesão de Raúl ao comunismo parece estar vinculada, portanto, à influência dos "conselhos" oriundos de rodas de conversa no Curvelo, da troca de correspondências e também da indicação de leituras entre seus pares.

Isso também fica sugerido na declaração de Nise da Silveira quanto à origem da correspondência encontrada entre seus papéis, remetida por Maria Luísa a Tristan Marof. De acordo com a médica, aquelas duas cartas foram encontradas por ela em livro emprestado por Tristan, e por esse motivo nada tinha a declarar sobre a signatária (Arquivo Nacional, Termo de declarações que presta Nise Magalhães da Silveira na Delegacia Especial de Segurança Política e Social, 1936).

Além do próprio livro emprestado pelo amigo boliviano, é possível supor, no entanto, que o envio das cartas de Maria Luísa a Nise também fosse intencional, porque, da Argentina, Maria Luísa buscou oferecer a ele "uma impressão geral da situação política do país, que se modifica de um dia para o outro, pois os acontecimentos se sucedem de maneira imprevisível" (Arquivo Nacional, carta de Maria Luísa Cameli a Tristan Marof, folha 117).⁴

4 Outro documento que estava sob a posse de Nise e que, segundo ela, também foi encontrado em livro emprestado de Tristan Marof, é um intrigante mapa feito à mão onde estão assinaladas, ao que parece, algumas rotas na Bolívia envolvendo localidades como Santa Cruz de La Sierra e Cochabamba. Arquivo Nacional, processo n. 191/apelação n. 15. Nise da Silveira – Tribunal de Segurança Nacional, folha 400.

Propositalmente ou não, o fato é que, ao ter acesso àquelas cartas, Nise também pôde se atualizar dos eventos políticos na Argentina e disseminar as informações a seus pares. Em sua mala, encontrada no quarto que ocupava no Hospital Nacional Psiquiátrico, no Rio de Janeiro, onde trabalhava e foi presa, foram achados também textos em espanhol que abordam a situação política no Peru e na Venezuela, além do manifesto do grupo Túpac Amaru ao povo boliviano, que evidenciam uma grande circulação de recortes de jornais e circulares de organizações de esquerda entre esses intelectuais.

Nesse sentido, vale ressaltar que, se jornais e revistas são meios privilegiados de intervenção político-cultural em uma sociedade, os intelectuais latino-americanos antifascistas se valeram intensamente da imprensa como principal arma de combate (Oliveira, 2013, p. 95).

Para além da propaganda e da disseminação de notícias que vinham de fora na imprensa de seu país, pudemos observar que a ajuda de membros brasileiros da "República do Curvelo" também foi pensada para uma atuação presencial destes nos países vizinhos. As missivas de Tristan e Raúl sugerem, nesse sentido, que Nise da Silveira, Mário Magalhães, Adelmo Mendonça e outros intelectuais seriam convidados em breve, por eles, a participar de um "projeto" no qual Tristan estava envolvido na Bolívia, juntamente com "outros camaradas", e que demandava a ajuda para o sucesso daquela "experiência" na conjuntura da guerra do Chaco.

É interessante notar, especialmente na carta de Tristan, que havia certa descrença entre os comunistas bolivianos em relação à atuação do Partido Socialista Máximo e, por esse motivo, alguns deles atuaram por conta própria, de acordo com as circunstâncias. O grupo Túpac Amaru parece ter surgido então dessa descrença no partido e da tentativa de uma atuação mais efetiva e autônoma dos comunistas bolivianos. De acordo com o escritor, se tivessem algum êxito, os amigos seriam chamados a ir à Bolívia, pois lá necessitariam de gente "eficaz e leal". Nesse sentido, Nise, Mário, Adelmo e os outros amigos brasileiros deveriam se preparar para a convocação, visto que poderiam ser de grande auxílio para eles.

A articulação daqueles intelectuais deve ser compreendida, ainda, dentro de um movimento antifascista e antiguerra mais amplo desenvolvido especialmente a partir do Congresso Antiguerrero Latino-americano em Montevideú, no ano de 1933. Resultado da ação de comunistas, propunha-se um amplo alinhamento das forças políticas para combater o conflito em curso no continente e, no caso do Cone Sul mais especificamente, a Guerra do Chaco. Organizados sob a bandeira de uma frente única, o evento teve participação majoritária de organizações operárias, mas contou com a significativa adesão de parcelas da intelectualidade latino-americana (Oliveira, 2013, p. 173-185).

A mobilização intelectual do congresso pode ser percebida através da publicação de manifestos intelectuais reproduzidos em periódicos comunistas e socialistas, e mais tarde na veiculação de um boletim do congresso de Montevideú. Além disso, destaca-se a presença desses personagens em comitês antiguerra. No Brasil, um panfleto conclamando a mobilização de forças capazes de constituir uma frente única para apoiar os comitês antiguerreros latino-americanos foi assinado pelo reconhecido psiquatra comunista Osório Taumaturgo César, indicado como presidente do Comitê Antiguerrero do Brasil, e pela pintora Tarsila do

Amaral, um dos poucos expoentes da intelectualidade a realizar conferência no congresso (Oliveira, 2013, p. 178).

Ângela Meirelles destacou, no entanto, que a estratégia de composição da frente única ainda era bastante sectária, como comprovam os seguidos ataques, por parte da maioria comunista presente, contra militantes não comunistas que compareceram ao congresso (Oliveira, 2013, p. 181).

O sectarismo foi então apontado por alguns intelectuais como um dos fatores responsáveis pela dificuldade de se estabelecer um consenso quanto aos caminhos a seguir, bem como em se construir uma rede confiável de militantes no continente, na luta contra a guerra e o fascismo na América Latina. Por conta disso, os movimentos antifascistas e antiguerreiros no Cone sul passaram a se desenvolver mesmo sem contar com uma coordenação central.

Nesse sentido, torna-se compreensível que o círculo de amizades gerado no Curvelo tenha sido acionado pela confiabilidade e lealdade pensada entre seus pares e de maneira autônoma em relação a partidos, organizações e associações. Além dos personagens já citados, vale destacar ainda a amizade de Nise da Silveira com o doutor Osório Taumaturgo César naquele contexto.

No inquérito de Nise junto ao TSN, encontramos duas correspondências do médico para ela com orientações em articulações de fundo comunista. Em uma delas, remetida de São Paulo em 2 de junho de 1934, Osório pede a orientação de Nise para “o companheiro de ideologia” e portador daquela epístola, Cerqueira Lima. Isso porque Lima iria fixar residência no Rio de Janeiro e desejava “ambiente ideológico e ligação com os camaradas do SVI”⁵ (Arquivo Nacional, carta de Osório Taumaturgo César a Nise da Silveira, folha 191/113a). Em outra, remetida de Paris em 3 de setembro de 1935, o psiquiatra afirma acabar de chegar da União Soviética (URSS), onde é sabido que esteve com sua então companheira Tarsila do Amaral como representante do PC do Brasil no VII Congresso da Internacional Comunista, e pede que a médica o encontre no porto do Rio de Janeiro, de preferência com outros “camaradas”, pois traz um “material louco” (Arquivo Nacional, carta de Osório Taumaturgo César a Nise da Silveira, folha 131/121a; Arquivo Nacional, Relatório da Procuradoria, folha 191-193; Oliveira, 2013, p. 53).

Para além da imaginação, a “República do Curvelo” conformou, portanto, uma rede de solidariedade intelectual efetiva em torno de projetos comunistas, anti-imperialistas, anti-fascistas e antiguerreiros na América do Sul, dentro da qual a médica Nise da Silveira desempenhou destacado papel na circulação de informações, na propaganda de livros e na articulação com comunistas brasileiros.

Nesse sentido, a documentação arrolada como prova das “ações extremistas” no inquérito contra a médica é reveladora da preocupação do tribunal em relação às atividades de membros do grupo do Curvelo e às “ligações internacionais com elementos de destaque do Partido Comunista”, tais como revelariam as correspondências com figuras como o dr. Osório

5 SVI era a sigla de Socorro Vermelho Internacional.

Taumaturgo César e Otávio e Laura Brandão. Além de Nise, pelo menos ainda Mário, Enrique e Francisco Mangabeira foram investigados. De acordo com Elvia Bezerra, a mãe de Nise, dona Nazinha, procurou o ministro Costa Neto para saber as razões da prisão de sua filha, tendo recebido a seguinte resposta: “[...] tanto ela quanto o Francisco Mangabeira são dois idiotas. Que mania de escrever tanto! Em suas casas foram encontradas muitas notas sobre os livros que liam de literatura e filosofia. Deram-me muito trabalho para examinar” (Bezerra, 1995, p. 149).

O problema e a suspeição, para a polícia, não derivava do fato de os investigados serem intelectuais, em que pese o exercício da leitura ou da escrita, mas basicamente por serem “intelectuais comunistas”, homens e mulheres “de ação”. De acordo com esse “senso comum” partilhado pela polícia, notamos então que Nise poderia ser classificada como intelectual, apesar de não ser encontrada menção a esse termo em seu processo, tal como concluiu Ana Paula Palamartchuk (2003, p. 205).

Nise foi acusada de ter “ligação constante com elementos agitadores no estrangeiro, orientando a propaganda que aqui fazia de ‘processos violentos para subverter a ordem política’” (Arquivo Nacional, Relatório da Procuradoria, folha 639). Para a Procuradoria, seus escritos mostravam ainda os “propósitos delituosos de instigar as classes sociais à luta pela violência” (Arquivo Nacional, Relatório da Procuradoria, folha 639). Por esse motivo, ela teria infringido os artigos 23 e 14 da lei n. 38, de abril de 1935, que criminalizavam ações consideradas subversivas.

A médica ficou presa por um ano e seis meses, quando fugiu do cárcere. Após pedido de apelação de seu advogado Evaristo Moraes, foi absolvida, mas impedida de retornar ao seu trabalho no Hospital Nacional Psiquiátrico por ter “ideias incompatíveis com o serviço público”, voltando a atuar profissionalmente em instituições públicas somente em 1944 (Palamartchuk, 2012, p. 63).

Ainda sobre a trajetória de Nise, é importante assinalar que ela havia sido expulsa do partido, acusada de trotskismo no ano de 1933, isto é, antes mesmo de ser investigada pelo TSN (Kummer, 2004). Em entrevista ela explicou:

Eu era interessada nas coisas políticas do país, mas sempre tive muita dificuldade em me acomodar em organizações. [...] eu queria fazer concurso público para medicina e os companheiros do partido não se conformavam que eu me dedicasse tanto a esse concurso. E eu me dedicava. Eu estudava dia e noite e, naturalmente, faltava muito às reuniões. [...] acabaram me expulsando do partido. Eu fui expulsa acusada de trotskista. Eu discordava de certas coisas (Silveira, 1992).

A amiga Raquel de Queiroz afirmou, anos mais tarde, que Nise não era trotskista, e que havia permanecido até então como stalinista (Queiroz, 1991). Sem buscar generalizar ou classificar de maneira engessada a complexa identidade política de Nise da Silveira e dos intelectuais da “República do Curvelo”, é possível dizer que, apesar de não serem formal ou declaradamente filiados aos partidos comunistas, eram simpatizantes a suas causas. Isto é,

a partir de uma postura crítica, partilharam opções políticas com os comunistas, sem, no entanto, aceitarem submeter-se a uma coordenação de Moscou.

Concordamos então com o pensamento de Ana Paula Palamartchuk que distingue dois tipos radicalizados de intelectuais comunistas: os que necessitaram do prestígio exterior ao partido para sobreviver acima de tudo como “intelectuais”, cujo envolvimento com a “causa” foi manifestado através de simpatias, e aqueles que se envolveram com a organização de maneira mais radicalizada, originando os dirigentes partidários. Entre esses dois casos-limites de “ser um intelectual comunista” houve, no entanto, um arco-íris de experiências (Palamartchuk, 1997, p. 169) que, a nosso ver, pode ser entendido na existência de uma cultura política comunista⁶ partilhada entre intelectuais da América do Sul, em torno do sentimento anti-imperialista, antiguerra e revolucionário que foi muito além da orientação dos partidos comunistas nacionais e da Internacional Comunista.

Referências bibliográficas

ARQUIVO NACIONAL. Filosofia e realidade social. Processo n. 191/apelação n. 15. Nise da Silveira – Tribunal de Segurança Nacional, folha 138.

_____. Carta de Maria Luísa Cameli a Tristan Marof, escrita em Buenos Aires. Processo n. 191/apelação n. 15. Nise da Silveira – Tribunal de Segurança Nacional, folha 117.

_____. Carta de Osório Taumaturgo César a Nise da Silveira. São Paulo, 2/6/1934. Processo n. 191/apelação n. 15. Nise da Silveira – Tribunal de Segurança Nacional, folha 191/113a.

_____. Carta de Osório Taumaturgo César a Nise da Silveira. Paris, 3/9/1935. Processo n. 191/apelação n. 15. Nise da Silveira – Tribunal de Segurança Nacional, folha 131/121a.

_____. Carta de Raúl Tuñón a Nise da Silveira, escrita em Buenos Aires em 24/2/1934. Processo n. 191/apelação n. 15. Nise da Silveira – Tribunal de Segurança Nacional, folha 112, v. 1.

_____. Carta de Tristan Marof a Nise da Silveira. Córdoba, 17/4/1934. Tradução de Léa Azevedo. Processo n. 191/apelação n. 15. Nise da Silveira – Tribunal de Segurança Nacional, folha 119.

_____. Relatório da Procuradoria. Processo n. 191/apelação n. 15. Nise da Silveira – Tribunal de Segurança Nacional, folhas 5 e 639.

_____. Relatório do Serviço de Observação, 4ª Delegacia Auxiliar – Seção de Ordem Social e Segurança Pública. Rio de Janeiro, 22/12/1931. Processo n. 191/apelação n. 15. Nise da Silveira – Tribunal de Segurança Nacional, folha 500.

6 Empregamos aqui a noção de cultura política como um “conjunto de valores, tradições, práticas e representações políticas partilhado por determinado grupo humano, que expressa uma identidade coletiva e fornecendo leituras comuns do passado, assim como inspiração para projetos políticos direcionados ao futuro”, tal como definiu Motta (2008, p. 21), considerando também que se trata de “um fenômeno de múltiplos parâmetros, que não leva a uma explicação unívoca” (Berstein, 1998, p. 350).

_____. Termo de declarações que presta Nise Magalhães da Silveira na Delegacia Especial de Segurança Política e Social, no Rio de Janeiro, em 24/8/1936. Processo n. 191/apelação n. 15. Nise da Silveira – Tribunal de Segurança Nacional, folha 493.

BACIU, Stefan. *Tristan Marof de cuerpo entero*. La Paz: Isla, 1987.

BERSTEIN, Serge. A cultura política. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (org.). *Para uma história cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.

BEZERRA, Elvia. *A trinca do Curvelo*: Manuel Bandeira, Ribeiro Couto, Nise da Silveira. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995.

BOURDIEU, Pierre. Campo intelectual e projeto criador. Tradução de Rosa Maria Ribeiro da Silva. In: POUILLON, Jean (org.). *Problemas do estruturalismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

GULAR, Ferreira. *Nise da Silveira: uma psiquiatra rebelde*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996.

KUMMER, Didimo Otto. *Nise, abecedário de uma libertadora*. Maceió: Edições Catavento, 2004.

MAROF, Tristan. *Radiografía de Bolivia*. La Paz: s.ed., 1997.

MELGAR BAO, Ricardo. El exiliado boliviano Tristan Marof: tejiendo redes, identidades y claves de autoctonía política. *Pacarina del Sur. Revista de Pensamiento Crítico Latinoamericano* [en línea], ano 3, n. 12, jul./set. 2012. ISSN: 2007-2309.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Desafios e possibilidades na apropriação de cultura política pela historiografia. In: MOTTA, Rodrigo Patto Sá (org.). *Culturas políticas na história: novos estudos*. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2008.

MOURELLE, Thiago Cavaliere. *Guerra pelo poder: a Câmara dos Deputados confronta Vargas (1934-1935)*. 2015. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

NEVES, David Rodrigues Silva. *O Tribunal de Segurança Nacional e a repressão aos comunistas e integralistas (1936-1938)*. 2013. Dissertação (Mestrado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

OLIVEIRA, Ângela Meirelles de. *Palavras como balas: imprensa e intelectuais antifascistas no Cone Sul (1933-1939)*. 2013. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

PALAMARTCHUK, Ana Paula. Assimetria das transformações: Nise da Silveira (notas de pesquisa). In: AVELAR, Alexandre de Sá; FARIA, Daniel Barbosa Andrade; PEREIRA, Mateus Henrique de Faria (org.). *Contribuições à história intelectual do Brasil republicano*. 1. ed. Ouro Preto: Edufop/PPGHIS, 2012. p. 50-68. Coleção Seminário Brasileiro de História da Historiografia.

_____. *Os novos bárbaros: escritores e comunismo no Brasil. 1928-1948*. 2003. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas, 2003.

QUEIROZ, Raquel de. *Entrevista de Raquel de Queiroz ao programa Roda Viva, de 1 jul. 1991*. Disponível em: <http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/407/entrevistados/rachel_de_queiroz_1991.htm>. Acesso em: 30 jun. 2017.

SALAS, Horacio. *Conversaciones con Raúl González Tuñón*. Buenos Aires: Ediciones La Bastilla, 1975.

SILVEIRA, Nise Magalhães da. *Entrevista de Nise da Silveira a Dulce Pandolfi*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 1992.

STEFANONI, Pablo. "Guerra a la guerra": comunismo, anti-imperialismo y reformismo universitario durante la contienda do Chaco. *Bolivia Research Review*. Revista Boliviana de Investigación, v. 11, n. 1, ago. 2014.

VIANNA, Marly de Almeida Gomes (org.). *Pão, terra e liberdade: memória do movimento comunista de 1935*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional; São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 1995.

_____. *Revolucionários de 35: sonho e realidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

Recebido em 1/7/2017

Aprovado em 3/8/2017